

Carlos Alberto Ávila Araújo

## **Infodemia, desinformação, pós-verdade: o desafio de conceituar os fenômenos envolvidos com os novos regimes de informação**

### ***Infodemic, disinformation, post-truth: the challenge of conceptualizing the phenomena involved with new regimes of information***

#### **Resumo:**

Este artigo busca apresentar os atuais regimes de informação por meio da análise dos conceitos utilizados para descrever o vários fenômenos informativos contemporâneos. Sete conceitos são analisados: notícias falsas, besteiras, ódio discurso, negação científica, desinformação, infodemia e pós-verdade. Em seguida, esses fenômenos são analisados do ponto de vista informacional, em suas dimensões técnica, cognitiva e pragmática. Por fim, está concluído que as ações para combater os efeitos perversos de tais fenômenos são urgentes, mas exigem um trabalho de clareza dos conceitos envolvidos nos processos sobre os quais se deseja atuar.

**Palavras-chave:** Desinformação, Infodemia, Pós-verdade

#### **Abstract:**

This article seeks to present the current information regimes by analyzing the concepts used to describe the various contemporary informational phenomena. Seven concepts are analyzed: fake news, bullshit, hate speech, scientific denialism, disinformation, infodemic and post-truth. Next, these phenomena are analyzed from an informational perspective, in their technical, cognitive and pragmatic dimensions. Finally, it is concluded that the actions to combat the perverse effects of such phenomena are urgent, but they demand a work of clarity of the concepts involved in the processes on which one wants to act.

**Keywords:** Disinformation, Infodemic, Post-truth

#### **Agenda:**

<b>1. Introdução .....</b>	<b>3</b>
<b>2. Os diferentes conceitos .....</b>	<b>3</b>
2.1. Fake news.....	4
2.2. Testemunhal falso .....	5
2.3. Discurso de ódio.....	5
2.4. Negacionismo científico.....	5
2.5. Desinformação .....	6
2.6. Infodemia .....	6
2.7. Pós-verdade.....	7
<b>3. A dimensão informacional .....</b>	<b>7</b>
<b>4. Considerações finais .....</b>	<b>8</b>
<b>Referências .....</b>	<b>9</b>

**Author:**

Prof. Dr. Carlos Alberto Ávila Araújo:

- Full Professor - Escola de Ciência da Informação / Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação - Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)
- Leader of the Research Group EPIC
- PhD in Information Science
- ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0993-1912>
- Address: Rua dos Pampas 538 ap 1703 A, Prado, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil. CEP: 30411-030
- ✉: [carlosaraujofmg@gmail.com](mailto:carlosaraujofmg@gmail.com)

## 1. Introdução

Nos últimos anos, novos modos de produção, circulação, disseminação, uso e apropriação da informação têm se consolidado. Tais modos têm se colocado como um desafio para as ciências que se dedicam a estudá-los. Até mesmo a conceituação destes novos modos é problemática. Termos como *fake news*, *fake science*, desinformação e infodemia se tornaram muito presentes em trabalhos e discussões científicas, mas também na mídia, no discurso de políticos, nos ambientes profissionais, e ainda nas conversas cotidianas. Em 2016, o Dicionário Oxford elegeu a expressão “pós-verdade”, criada em 1992, como a palavra do ano. E em 2020, no contexto da pandemia causada pelo coronavírus, a expressão “infodemia” tornou-se muito popular, chegando a haver um congresso científico sobre o tema promovido pela Organização Mundial da Saúde, órgão da Organização das Nações Unidas.

Todos esses termos se relacionam com os atuais regimes de informação, isto é, com as condições contemporâneas de produção, circulação e uso da informação. Essas condições têm a ver com os canais, os sistemas e os serviços por meio dos quais ocorre essa circulação (o crescimento da importância das redes sociais, aplicativos de mensagens, *feeds* de notícias nos aparelhos celulares), mas também com os tipos de formatos e conteúdos em circulação (mentiras, incitação ao ódio, teorias conspiratórias), os significados e critérios de relevância que têm sido utilizados pelas pessoas para avaliá-los e, sobretudo, com seus impactos para a estabilidade ou não de estados democráticos, a estigmatização de grupos sociais, os graus de alfabetização política, entre outras questões.

Os diferentes termos que vêm sendo utilizados para descrever esse cenário abarcam aspectos específicos da questão, ou se referem especificamente a uma dimensão do problema. Vários pesquisadores têm demonstrado que esse cenário é, na verdade, constituído de diferentes aspectos e dimensões, que algumas vezes se sobrepõem e/ou se complementam (O'Connor e Weatherall, 2019; Peters, Rider, Hyvönen e Besley, 2018). Um dos desafios que se colocam nesse momento, para as várias ciências que buscam estudar tais fenômenos, é, justamente, identificar cada um desses aspectos, analisar os termos, conceitos e categorias de análise utilizados para estudá-los, e propor um quadro conceitual geral capaz de inter-relacioná-los.

## 2. Os diferentes conceitos

A discussão apresentada neste artigo é consequência de uma ampla pesquisa sobre o fenômeno da pós-verdade (Araújo, 2020). O objetivo dessa pesquisa foi identificar as causas, as características e as consequências deste fenômeno. Para tanto, foram identificados livros e artigos científicos publicados nos últimos anos sobre o tema, e selecionados para análise aqueles que traziam categorizações do fenômeno a partir destes três elementos. Identificou-se que os pesquisadores que trabalharam com o tema, de áreas distintas como sociologia, psicologia, ciência política, filosofia e comunicação social, entre outros, apontaram fatores muito distintos. Entre as causas identificadas estão o negacionismo científico, o viés cognitivo, a desintermediação da informação, a emergência das redes sociais, a apropriação da relativização pós-moderna da verdade, a queda da razão, as guerras culturais, o déficit de atenção, entre outros. Já no conjunto das características foram apontadas dimensões como a ação dos *clickbait*s e robôs, o culto do amadorismo, a “conversa fiada”, as sátiras, as teorias da conspiração, o fenômeno dos *big data*, a lógica de funcionamento dos algoritmos dos motores de busca e das redes sociais, entre outros. Por fim, entre as consequências, destacam-se o enfraquecimento da democracia, o crescimento do populismo autoritário, a perda de confiança nas instituições modernas, o recrudescimento do ódio e do ataque às minorias, entre outros. Percebeu-se, ainda, que não há consenso entre os autores – o que para uns é causa do fenômeno, para outros é uma característica, por exemplo. Mas, sobretudo, a falta de consenso se deu em relação aos termos usados para descrever os fenômenos. Algumas vezes se utilizava “desinformação”, outras vezes “pós-verdade” e até “*fake news*” como expressões intercambiáveis. Alguns autores se preocuparam em os distinguir, outros não. Alguns os associaram, ainda, a outros termos, como “negacionismo” ou “discurso de ódio”. Após a conclusão da pesquisa, e sobretudo após sua apresentação em algumas palestras em diferentes universidades brasileiras, ficou clara a necessidade de uma maior consistência conceitual em relação a esse fenômeno, sobretudo após o crescimento do uso, a partir da segunda metade do ano de 2020, do termo “infodemia”. Em função disso, procedeu-se a um novo estudo,

**Carlos Alberto Ávila Araújo**

**Infodemic, disinformation, post-truth: the challenge of conceptualizing the phenomena involved with new regimes of information**

cujos resultados são apresentados neste texto, buscando identificar e distinguir sete conceitos utilizados para descrever os fenômenos relacionados a essa nova dinâmica informacional.

Como apontam Krieger e Finatto (2004), a terminologia é o estudo das maneiras como são criadas e utilizadas palavras para expressar e denominar conceitos, objetos e processos dos diferentes campos de conhecimento especializado. Ela possui uma dimensão cognitiva e uma dimensão linguística, ou seja, se relaciona tanto com a organização conceitual como com os modos de sua expressão e comunicação. No caso em questão, há dois complicadores: o fato de serem fenômenos recentes, com um diagnóstico ainda incipiente; e o fato de estarem sendo estudados por diferentes disciplinas científicas, cada uma delas com seu próprio conjunto de termos e relações entre eles. As autoras citam Benveniste para lembrar que uma ciência, para existir, precisa ter claros seus conceitos, através de sua denominação. E, ainda, que o inventário de termos é o que permite a análise de uma determinada realidade.

Assim, na discussão a seguir, são contemplados alguns aspectos, identificados na literatura, a respeito da própria composição linguística dos termos. Se questiona, por exemplo, a legitimidade da expressão “*fake news*” pois, se são *fake*, não seriam *news*. Ou também o prefixo “pós” na expressão “pós-verdade”, como se significasse algo que viesse depois da verdade. Mas o eixo da discussão apresentada neste texto é essencialmente cognitiva e conceitual: busca delimitar a qual fenômeno se refere cada expressão, de maneira a identificar tanto uma rede de fenômenos associados como, também, de termos relacionados. Os sete conceitos são apresentados abaixo:

## 2.1. Fake news

O primeiro conceito relevante é o de *fake news*. Existe uma resistência ao uso desse termo, por parte de jornalistas e estudiosos da comunicação, pelo fato de que, se é falso, então não é notícia – entendendo-se notícia como uma categoria jornalística. De toda forma, o uso abundante do termo acabou por o consagrar como fundamental para a compreensão da nossa época. Literalmente, as *fake news* significam notícias falsas. O primeiro elemento de sua caracterização é sua falsidade: elas são produzidas com a intenção de mentir, de enganar, de distorcer ou esconder a verdade. O segundo elemento é que elas buscam ser apreendidas como notícias jornalísticas verdadeiras. Ou seja, as *fake news* são parte de uma estratégia que reconhece a legitimidade do discurso jornalístico, das instituições jornalísticas e, em lugar de questionar essa legitimidade, na verdade se aproveitam delas para terem credibilidade. Não só do jornalismo, mas também das universidades, institutos, da ciência – frequentemente as *fake news* apelam para “especialistas”, cientistas, professores, políticos, alguns falsos, outros com fala distorcida.

*Fake news* portanto são mentiras travestidas de jornalismo. Elas podem ter origem em um site que copia, na aparência, as características de um site jornalístico; podem ter como nome ou endereço web o mesmo nome de uma instituição já existente, com uma letra trocada; podem ser assinadas por pessoas que se apresentam como jornalistas sem serem, ou por pessoas com o nome quase idêntico ao de jornalistas ou colunistas reconhecidos e respeitados. O texto utiliza a estrutura típica do jornalismo – linguagem, entrevistas, apoio em avaliações de especialistas, imagens, entre outros.

É importante destacar aqui o fato de que, obviamente, não se quer aqui dar a entender que os meios de comunicação sempre dizem a verdade. Décadas de estudos científicos têm demonstrado como os veículos jornalísticos são empresas que atendem ou são suscetíveis a determinados interesses de grupos econômicos, políticos, militares, religiosos, etc (Pellicer Alapont, 2017). Contudo, sempre foram instituições com sede, registro, funcionários contratados e, para a construção de sua credibilidade, nunca puderam inventar fatos completamente falsos, sob pena de serem responsabilizados e desacreditados. Distorções de fatos, enquadramentos favoráveis a um grupo ou desfavoráveis a outro, silêncio sobre fatos desabonadores de seus financiadores, escutar apenas um lado da questão, mistura de opinião em conteúdo informativo são algumas das várias estratégias para moldar ou distorcer a realidade conforme determinados interesses. A novidade trazida pelas *fake news* é a construção de um relato completamente falso, de uma notícia de um fato que nunca aconteceu, e sua apresentação nos moldes do discurso jornalísticos. A força das *fake news* reside na incapacidade (ou desinteresse, como será apontado a seguir) das pessoas em diferenciar um tipo de outro,

**Carlos Alberto Ávila Araújo**

**Infodemic, disinformation, post-truth: the challenge of conceptualizing the phenomena involved with new regimes of information**

atribuindo o mesmo grau de confiabilidade a conteúdos distintos apenas pela aparência do conteúdo informacional.

## 2.2. Testemunhal falso

O segundo conceito é de testemunhal falso. No espanhol, se tem usado a expressão “cunhadismo” (Argemí, 2019) e, com algumas diferenças, no inglês o termo “*bullshit*” (Frankfurt, 2019). Trata-se da velha fofoca, ou rumor, mas com uma sofisticação proporcionada pelos aparatos tecnológicos (filmagens e voz) que, ao contrário das *fake news*, se constrói na oposição às instituições, na crença de que universidades, escolas, cientistas, veículos jornalísticos, organizações internacionais são todos manipuladores, doutrinadores, agentes conspiratórios, e que, portanto, não merecem credibilidade. Os testemunhais são produzidos por pessoas que se apresentam como pessoas “comuns”, que usam linguagem coloquial, erros gramaticais, filmagens amadoras, e que defendem essas características como uma virtude – o fato de serem simples, cotidianas, “assim como a pessoa que assiste” se torna o critério de legitimidade, de credibilidade, em oposição às forças manipuladoras das instituições do chamado “sistema”. A força do relato, o grau de emoção do autor ou apresentador, e a importância dos fatos apresentados (normalmente secretos, porque estão sendo escondidos justamente pelas instituições) agregam força narrativa a essa modalidade informativa. Alguns fatos estão diretamente relacionados com a emergência dessa modalidade, como a chamada cultura do amadorismo (Keen, 2008), a falsa equivalência (McIntyre, 2018) e a desintermediação da informação (Santaella, 2019).

## 2.3. Discurso de ódio

O terceiro conceito é o de discurso do ódio. Diferente dos dois primeiros, ele não busca ser factual, ele não tem a intenção de apresentar um fato do mundo. Antes, ele diz de intenções, desejos, necessidades e medos de determinado sujeito ou grupo de sujeitos – por exemplo, de que imigrantes voltem para os países deles, de que o feminismo desapareça e tudo volte a ser como antes, de que determinado grupo político seja exterminado (Greifeneder, Jaffé, Newman e Schwarz, 2021; Fukuyama, 2019). Sua intenção, e nisso ele é complementar aos dois primeiros, é mobilizar as pessoas para agirem com a emoção e não com a razão. Mais especificamente, com determinadas emoções (medo, ressentimento, ódio) de forma a proporcionar reações de agressividade, sobretudo em relação à discordância. O outro deixa de ser visto como adversário, portador de ideias ou pontos de vista distintos, e se torna um inimigo a ser eliminado, e todo o objetivo dos espaços informacionais passa a ser vencer o outro. Nesta modalidade, os fatos mencionados podem ser verdadeiros ou não, a intenção é colocar as pessoas em estado de guerra – mas é justamente essa condição emocional que predispõe as pessoas a deixarem de lado a busca da verdade em prol do objetivo mais urgente de vencer a discussão a qualquer preço.

## 2.4. Negacionismo científico

O quarto conceito é o de negacionismo científico. Muitos estudos mostram que questionamentos à ciência existem há muito tempo, provenientes tanto do senso comum, das autoridades constituídas nas práticas tradicionais, como também de líderes religiosos. Mas o negacionismo como uma estratégia articulada tem, segundo historiadores, uma origem bem precisa: a metade do século XX, quando a ciência descobriu os vínculos entre o ato de fumar e o câncer (McIntyre, 2018; Wilber, 2018). Uma vez estabelecida a verdade científica, a poderosa indústria do tabaco precisava garantir a sobrevivência de seu negócio. Grupos industriais do tabaco criaram uma fundação, começaram a financiar cientistas para dizerem que não era totalmente certo que o fumo causava câncer (porque, claro, não poderiam provar o contrário) e a disseminar a ideia de que qualquer debate sobre o tema, em universidades, escolas ou na mídia, deveria apresentar os dois “lados” da questão, isto é, o dos que têm certeza de que causa câncer, e dos que dizem que talvez cause. Isso foi conduzindo à ideia de que havia dois lados da questão e, para o público leigo, consolidava-se a ideia de que havia os cientistas que diziam que causa câncer e os que diziam que não. Isso foi suficiente para semear a dúvida e garantir a continuidade dos negócios. Nas décadas seguintes, estratégias semelhantes foram criadas por grupos

empresariais, industriais e políticos para promover ideias como, por exemplo, a de que o aquecimento global não existe, de que vacinas causam doenças e, até mesmo, de que a Terra é plana.

O cerne da questão do negacionismo científico, também chamado *fake science*, é que toda vez que a ciência descobre uma verdade que desagrade determinado grupo (país, empresa, religião, etc), esse grupo mobiliza esforços para desacreditar a ciência e, inclusive, se fortalece com a confluência de outros movimentos negacionistas.

Paralelamente ao negacionismo científico, verifica-se também o negacionismo histórico. A negação da existência do holocausto é, certamente, o mais conhecido exemplo, mas há outros igualmente graves como a negação de torturas em regimes ditatoriais, ou de que não existiu corrupção em ditaduras, ou de que regimes que suprimem as liberdades individuais e implementam a política de tortura e morte de opositores políticos não foram ditaduras, entre muitos outros. Ambos, o negacionismo científico e o negacionismo histórico, beneficiam-se do fenômeno dos *clickbaits*, os caçadores de cliques (Aparici e García-Marín, 2019). São grupos ou pessoas que percebem o potencial de visibilidade da produção de conteúdo negacionista e o fazem justamente para obterem visualizações e, com isso, recursos econômicos. Há muitas décadas, estudos sobre o sensacionalismo já evidenciam a grande popularidade que conteúdos enganosos podem alcançar, mas nos tempos atuais essa dimensão se soma ao alto grau de sofisticação no uso desse recurso e seu vínculo com interesses políticos, econômicos ou religiosos.

## 2.5. Desinformação

O quinto conceito é o de desinformação e, na verdade, ele tem sido utilizado contemporaneamente com duas acepções (Consentino, 2020). Uma delas se refere às sofisticadas técnicas de produção de mentiras, portanto à dimensão estratégica e intencional de produção da falsidade. Trata-se de identificar os grupos que produzem e disseminam as *fake news*, os testemunhais, o discurso do ódio, que selecionam os melhores canais para cada um deles, articulam a complementaridade dos discursos em cada modalidade, identificam os opositores a serem neutralizados.

Nesse sentido, uma das estratégias mais bem-sucedidas foi o sequestro das ideias pós-modernas sobre a verdade. O movimento pós-modernista desenvolveu-se ao longo do século XX como um movimento artístico, cultural e também filosófico. Entre suas características está o questionamento da ideia de existência de uma verdade absoluta, única, ou seja, não existiria uma resposta absolutamente correta sobre o que cada elemento da realidade significa. A denúncia de que qualquer declaração de verdade seria um ato autoritário, porque sempre ideológica, acabou sendo uma crítica sequestrada por movimentos políticos para dizer que tudo seria ideológico e, portanto, não haveria "verdade", apenas "fatos alternativos" – expressão utilizada pelo presidente dos Estados Unidos Donald Trump em diversas ocasiões em que mentiu e foi confrontado por jornalistas, cientistas ou membros de judiciário com as evidências dos fatos verdadeiros (Kakutani, 2019).

O outro uso da expressão desinformação diz respeito aos efeitos dessas ações, isto é, ao estado de caos, de confusão, de dúvida, gerado em amplas parcelas da população que justamente necessitam e/ou buscam informação para definir suas opiniões e tomar suas decisões. Nesse segundo sentido, desinformação se aproxima bastante do próximo conceito a ser apresentado, o de infodemia.

## 2.6. Infodemia

Infodemia, de todos os conceitos apresentados aqui, é o que ainda está menos desenvolvido (Naeem e Bhatti, 2020). A associação dos termos informação e pandemia caracteriza, pois, uma caracterização patológica da dimensão informacional: a gigantesca abrangência e velocidade de disseminação de informações falsas tem produzido um quadro em que as informações falsas estão mais presentes na vida das pessoas do que as verdadeiras e de qualidade, e acabam tendo muito mais influência na tomada de decisões e na definição das linhas de ação. Conforme Zarocostas (2020), esse excesso de informações circulantes (algumas verdadeiras, outras falsas) faz com que seja difícil para as pessoas encontrarem as informações verdadeiras na hora de

**Carlos Alberto Ávila Araújo**

**Infodemic, disinformation, post-truth: the challenge of conceptualizing the phenomena involved with new regimes of information**

tomar as decisões e agir. O autor aponta que esse fenômeno pode agravar uma situação de pandemia (como a vivida em 2020) também por gerar ansiedade, sobrecarga e exaustão nas pessoas, além de tornar mais complexos os processos de controle de qualidade do que é publicado e de atestar a idoneidade das fontes de informação. Assim se constitui uma natureza "pandêmica" dos fenômenos informacionais, tomados desde a perspectiva de seus efeitos adversos ou disfunções.

## 2.7. Pós-verdade

Por fim, o sétimo conceito é o conceito de pós-verdade. Muitas pessoas criticam seu uso, identificando que ele seria na verdade um modismo ou mero sinônimo de mentira com uma embalagem diferente (McIntyre, 2018; Fuller, 2018; Santaella, 2019). Mas os pesquisadores que o propuseram como conceito científico alertam que ele designa, sim, uma questão inédita na história. A pós-verdade é um fenômeno que se produz na confluência de três condições. A primeira delas é a ampla disseminação de informações falsas (complemente falsas, e não apenas distorções como na era dos meios de comunicação de massa) com suporte tecnológico que permite alcances inimagináveis na era da fofoca e dos rumores. A segunda é a possibilidade de checagem nos dias atuais, em que muitas pessoas podem, em poucos segundos e com aparelhos de uso cotidiano como o smartphone ou o notebook, checar a veracidade das informações recebidas por elas em qualquer meio. A terceira é o fato de as pessoas não fazerem isso, isto é, não checarem, não verificarem se uma informação é verdadeira ou falsa, antes de a repassarem e dela se apropriarem. É esse desinteresse, esse desdém pela verdade, que marca aquilo que vem sendo identificado como uma "cultura da pós-verdade" (Wilber, 2018) ou um "regime de pós-verdade" (Broncano, 2019). A expressão cultura designa justamente um conjunto de valores, de naturalizações, de estímulos a um determinado comportamento – no caso, o desprezo pela verdade, a valorização daquilo que confirma ideias preconcebidas, a seleção apenas daquilo que é confortável. A pós-verdade caracteriza um imaginário contemporâneo no qual a desconsideração da verdade é naturalizada, estimulada, exaltada, como um valor ou uma virtude.

## 3. A dimensão informacional

Uma vez definidos os conceitos que compõem a ambiência do quadro informacional contemporâneo, é preciso ver como se constituem como objeto de estudo. Várias são as ciências que estudam tais fenômenos. Entre elas, está a ciência da informação. Se considerarmos a ciência da informação como referência, coloca-se a tarefa de definir tais fenômenos enquanto fenômenos informacionais, isto é, enquanto objeto de estudo da ciência da informação. Para tanto, será utilizado como quadro de referência um consenso bastante difundido entre pesquisadores dedicados à epistemologia do campo de que a ciência da informação, ao longo de suas décadas de existência, desenvolveu três grandes modelos de estudo da informação ou, dito de outro modo, identificou três grandes dimensões de manifestação dos fenômenos informacionais (Bawden e Robinson, 2012; Linares Columbié, 2005).

A primeira dessas dimensões relaciona-se ao nível físico ou técnico dos fenômenos. Em sua origem na década de 1960, a ciência da informação apropriou-se da teoria matemática da comunicação de Shannon e Weaver para definir a informação como algo da ordem da probabilidade, isto é, daquilo que, numa dada situação de comunicação, um determinado emissor tem de liberdade de escolha para a montagem de uma mensagem a ser transmitida para um receptor. No sentido inverso, a probabilidade de que, num determinado conjunto documental, um sujeito encontre aquilo que irá satisfazer as suas necessidades ou interesses. Esse sentido se complementa com o aporte da teoria sistêmica na área, que, junto com o uso do conceito de sistema de informação, define a problemática do campo em termos da entrada de recursos ou documentos, de seu processamento e da saída em forma de produtos ou serviços. Tem-se, assim, a centralidade da ideia de transferência, de transporte de documentos, e de ações sobre os itens informacionais, algum grau de processamento, para garantir a eficácia, a eficiência, a exatidão, a velocidade e o baixo custo dessa transferência.

Tomados nesse nível, os problemas informacionais contemporâneos relacionam-se, sobretudo, com o fato de motores de busca e redes sociais serem, hoje, os principais meios pelos quais as pessoas buscam, recebem e

**Carlos Alberto Ávila Araújo**

**Infodemic, disinformation, post-truth: the challenge of conceptualizing the phenomena involved with new regimes of information**

compartilham informações sobre tudo – desde a própria família, o próprio condomínio, como também de sua cidade, estado, país e o mundo. E ambos, redes sociais e motores de busca, são estruturados por determinados algoritmos que seguem uma lógica de relevância, hierarquização, visibilidade. Entre os critérios usados para isso, e operando numa lógica da otimização, as empresas desenvolvedoras destas plataformas e serviços apostaram na ideia da customização, da disseminação seletiva, do conforto. Isso acabou por produzir o chamado “efeito bolha” ou “câmaras de eco”: pessoas isoladas em seus próprios pontos de vista, sem contato com o contraditório, com informações provenientes de outros pontos de vista, de outras perspectivas.

A segunda dimensão da ciência da informação refere-se ao seu aspecto cognitivo. Tornou-se clássica a equação fundamental de Brookes que entende a informação como o resultado ou efeito dos dados no estado de conhecimento das pessoas, da qual emergiu o tripé dado/informação/conhecimento para o estudo dos fenômenos informacionais. Percepções mais atentas à complexidade dos fenômenos, contudo, identificaram que a natureza do processo por meio do qual os seres humanos conhecem o mundo tem outras dimensões além de apenas uma acumulação de dados.

Tal percepção se relaciona com o que vem sendo chamado de “viés cognitivo”. Trata-se de uma tendência do ser humano a formar suas crenças e visões de mundo sem se basear na razão e nas evidências, isto é, nos fatos, num esforço para evitar descontentamento psíquico. McIntyre (2018) aponta três estudos clássicos em psicologia social conduzidos nos Estados Unidos, nas décadas de 1950 e 1960, que demonstraram essa questão. O primeiro deles é a teoria da dissonância cognitiva de Festinger, segundo a qual buscamos harmonia entre nossas crenças e ações. O segundo é a teoria da conformidade social de Asch, que postula que temos tendência a ceder à pressão social por nosso desejo de estar em harmonia com os outros. O terceiro é o estudo do viés de confirmação conduzido por Watson, que identificou nossa tendência a dar mais peso às informações que confirmam nossas crenças pré-existentes. O autor apresenta também estudos recentes sobre a questão, expressos em dois conceitos: efeito contraproducente (fenômeno em que a apresentação de uma informação verdadeira para uma pessoa, que entra em conflito com suas crenças em fatos falsos, faz com que a pessoa creia nesses fatos com mais força ainda) e o efeito Dunning-Kruger (fenômeno no qual nossa falta de capacidade para fazer algo faz com que superestimemos nossas habilidades reais). Tais elementos do viés cognitivo fazem com que as pessoas sejam propensas a formar suas crenças sem ter em conta a razão e as evidências. Esse isolamento das pessoas em relação às evidências do mundo atua de modo complementar ao isolamento promovido pelo efeito bolha.

A terceira dimensão dos fenômenos informacionais relaciona-se com sua dimensão sociocultural e pragmática: informação relaciona-se à ação humana (produzir documentos é parte de ações mais abrangentes dos sujeitos) e também está integrada a contextos sociais, econômicos, jurídicos, tecnológicos, políticos, a partir dos quais adquire existência e significado e nos quais atual produzindo efeitos, constituindo identidades, orientando tomadas de decisão e constituindo a memória coletiva.

Os fatores técnicos e cognitivos aliam-se, assim, à “cultura da pós-verdade” (Wilber, 2018) marcada pelo desinteresse pela verdade, desinteresse esse que existe, é aceito, é naturalizado, é estimulado, é reproduzido. Existe um processo de aceitação e replicação de conceitos que normalizam o desdém pela verdade. E é essa dimensão que significa que os problemas informacionais contemporâneos são um problema no plano individual e no plano coletivo – estão relacionados com mentalidades, atitudes, um *ethos*, uma cultura. A infodemia, ou desinformação, ou pós-verdade, envolve-se com um imaginário, um conjunto de representações sociais ou sentidos já incorporados pelas audiências e desde a qual é possível a existência das *fake news*, dos testemunhais falsos, e do discurso de ódio (Murolo, 2019). Essa visão desloca a questão do nível individual – não são apenas decisões individuais, escolhas idiossincráticas, mas há, também, um conjunto de práticas, hábitos, situações e falas que promove, direta ou indiretamente, uma determinada relação das pessoas com a informação e com a verdade.

#### 4. Considerações finais

Diferentes expressões têm sido utilizadas para caracterizar o momento contemporâneo: sociedade do desconhecimento (Serrano Oceja, 2019), era do ressentimento (Fukuyama, 2018), mundo Orwell (Gómez de

**Carlos Alberto Ávila Araújo**

**Infodemic, disinformation, post-truth: the challenge of conceptualizing the phenomena involved with new regimes of information**



Águeda, 2019), era pós-democrática (Casara, 2019), era do nacional-populismo (Eatwell e Goodwin, 2019), o grande retrocesso (Geiselberger, 2017). Todas elas apontam, de alguma forma, para o fracasso das promessas de sabedoria e paz feitas nas décadas de 1960 e 1970 em torno da ideia de "sociedade da informação". Todas articulam, de alguma maneira, os sete conceitos vistos acima.

Além de diagnosticar o problema, é preciso também desenvolver estratégias de intervenção e de combate a seus efeitos perversos. Diversas ações vêm sendo apontadas por pesquisadores de várias áreas: a promoção de competência crítica em informação ou literacia digital, a criação de mecanismos de certificação da veracidade e qualidade da informação, a construção de mecanismos de responsabilização por crimes cometidos por meio de informação falsa, o aumento da visibilidade e circulação dos serviços de checagem, e a mobilização de estratégias para o esclarecimento quanto às bolhas e para sua "perfuração" (Dalkir e Katz, 2020; Ferrari, 2018; Noble, 2018). A efetiva implementação de tais ações é fundamental sobretudo para a manutenção de determinados valores construídos nos últimos séculos (a democracia, a inclusão, a defesa da diversidade, o estímulo a uma cultura da paz).

Nesse sentido, compreender o significado de cada termo, a abrangência de cada fenômeno relacionado, é essencial. Voltando à discussão sobre as contribuições de uma perspectiva terminológica, pode-se perceber que ainda é cedo para uma efetiva consolidação dos conceitos. Os fenômenos ainda estão ocorrendo, as categorias de análise estão se adaptando para os estudar. A longo prazo, se pode pensar em instrumentos terminológicos mais amadurecidos, como as listagens de termos, os dicionários científicos e as árvores de conhecimento (Krieger e Finatto, 2004). Mas, para se chegar a isso, é preciso inicialmente identificar os termos em questão que vêm sendo utilizados na literatura científicas, distingui-los uns dos outros e demarcar seu conteúdo operacional. E essa foi a contribuição que se buscou trazer no presente artigo.

## Referências

- Aparici, R. y García-Marín, M. (Coords). (2019). *La posverdad: una cartografía de los medios, las redes y la política*. Barcelona: Gedisa.
- Araújo, C. A. Á. (2020). *O fenômeno da pós-verdade: uma revisão de literatura sobre suas causas, características e consequências*. *Alceu*, 21 (41), 35-48.
- Argemí, M. (2019). *Los siete hábitos de la gente desinformada*. Barcelona: Conecta.
- Bawden, D. y Robinson, L. (2012). *Introduction to information science*. London: Facet.
- Broncano, F. (2019). *Puntos ciegos: ignorancia pública y conocimiento privado*. Madrid: Lengua de Trapo.
- Casara, R. (2019). *A era pós-democrática*. Porto: Exclamação.
- Consentino, G. (2020). *Social media and the post-truth world order: the global dynamics of disinformation*. Cham: Palgrave.
- Dalkir, K. y Katz, R. (Eds.). (2020). *Navigating fake news, alternative facts, and misinformation in a post-truth world*. Hershey: IGI Global.
- Eatwell, R. y Goodwin, M. (2019). *Nacionalpopulismo: por qué está triunfando y de qué forma es un reto para la democracia*. Barcelona: Península.
- Ferrari, P (2018). *Como sair das bolhas*. São Paulo: Educ; Armazém da Cultura.
- Frankfurt, H. (2019). *On bullshit: sobre a conversa, o embuste e a mentira*. Lisboa: Bookout.
- Fukuyama, F. (2019). *Identidad: la demanda de dignidad y las políticas de resentimiento*. Barcelona: Deusto.
- Fuller, S. (2018). *Post-truth: knowledge as a power game*. London: Anthem
- Geiselberger, H. (Ed.) *O grande retrocesso*. Lisboa: Objectiva, 2017.
- Gómez de Águeda, Á. *Mundo Orwell: manual de supervivencia para un mundo hiperconectado*. Madrid: Ariel, 2019.
- Greifeneder, R., Jaffé, M., Newman, E. y Schwarz, N. (Eds.). (2021). *The psychology of fake news: accepting, sharing, and correcting misinformation*. London: Routledge.

- Kakutani, M. (2019). *La muerte de la verdad: notas sobre la falsedad en la era Trump*. Barcelona: Galáxia Gutenberg.
- Keen, A. (2008). *O culto do amorismo*. Lisboa: Guerra e Paz.
- Krieger, M., Finatto, M. J. (2004). *Introdução à terminologia: teoria & prática*. São Paulo: Contexto.
- Linares Columbié, R. (2005). *Ciencia de la información: su historia y epistemología*. Santa Fé: Rojas Eberhard.
- McIntyre, L. (2018). *Posverdad*. Madrid: Cátedra.
- Murolo, L. *La posverdad es mentira. Un aporte conceptual sobre fake news y periodismo*. In: APARICI, R.; GARCÍA-MARÍN, M. (Coords). *La posverdad: una cartografía de los medios, las redes y la política*. Barcelona: Gedisa, 2019, p. 65-80.
- Naeem, S.; BHATTI, R. (2020). *The Covid-19 'infodemic': a new front for information professionals*. *Health Information and Libraries Journal*, 37(3), 233-239.
- Noble, S. U. (2018). *Algorithms of oppression: how search engines reinforce racism*. Nova Iorque: New York University Press.
- O'Connor, C. y Weatherall, J. (2019). *The misinformation age: how false beliefs spread*. New Haven: Yale University Press.
- Pellicer Alapont, M. P. *La comunicación en la era Trump*. Barcelona: UOC, 2017, p. 15-18.
- Peters, M., Rider, S., Hyvönen, M. y Besley, T. (Eds.) (2018). *Post-truth, fake news, viral modernity & higher education*. Singapore: Springer.
- Santaella, L. (2019). *A pós-verdade é verdadeira ou falsa? Barueri: Estação das Letras e Cores*.
- Serrano Oceja, J. F. (2019). *La sociedad del desconocimiento: comunicación posmoderna y transformación cultural*. Madrid: Encuentro.
- Wilber, K. (2018). *Trump y la posverdad*. Barcelona: Kairós.
- Zarocostas, J. (2020). *How to fight an infodemic*. *The Lancet*, 395(10225), p.676. doi: 10.1016/S0140-6736(20)30461-X.